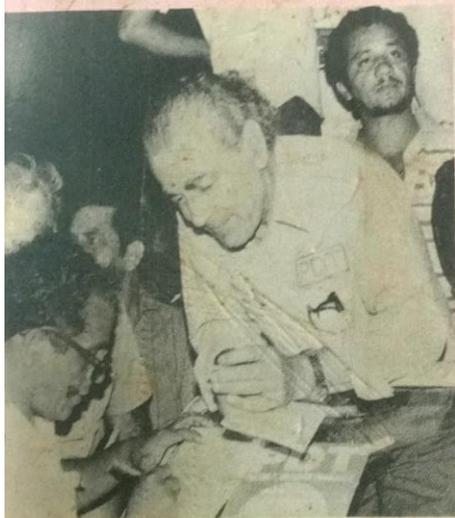


(UM REPORTER) DA ILHA GRANDE AO PODER

André
Borges

Editora
CPA
CONTEMPORÂNEA

*Trajetória de um revolucionário
que passou 21 anos no cárcere*



Prefácio — Neila Favares
Apresentação — Márcio Donicci
Comentários — Amadeu Rocha

Incríveis transformações sofre a vida de uma pessoa. Quão marcadamente alterada pelo destino. Que coisas estranhas se operam na mente do ser humano exposto a adversidade, ao absurdo da privação da liberdade pessoal, castigo inóbil a pretexto de ressocialização.

Pergunto-me permanentemente se os "ilícitos" praticados por alguém devem ser apenados com a reclusão do corpo e o flagelo da mente. Termino sempre por responder negativamente. Mas, a reflexão me impele a examinar outras variáveis: às estruturas de poder que funcionam na órbita da Justiça, as pessoas envolvidas de um lado os bons, representando o Estado, de outro o delinquente o lado mau-e tudo muito intrigante, maniqueísta, profundamente ilógico e, ao mesmo tempo, aparentemente insubstituível.

No bojo dessas angústias, da consciência da perda do paraíso, surge o André Borges, lumpesino de início; massa carcerária em seguida; líder de prisioneiros comuns; militante de esquerda; preso político; poeta, jornalista. Testemunho vivo da história e estória no seu próprio tempo.

Na realidade o André é um homem sensível que sabe canalizar suas experiências de vida-todas-para um objetivo político. Se de modo correto, só o tempo dirá. Mas sem dúvida bem intencionado e cheio de esperanças; sempre voltado para o interesse coletivo, visando os grupos sociais marginalizados, por mais dignidade e justiça social.

Fui seu advogado nos idos da repressão política, conhecendo-o preso, na iminência de uma greve de fome do coletivo de presos políticos-a maior de todas, como forma de luta pela anistia, ampla, geral e irrestrita. Consegui sua liberdade dois dias antes do início da greve, após mais de vinte e um anos de cadeia com breve interrupção de setenta dias, por fuga, para a luta armada. De lá (1978) aos dias de hoje, dele só tive grata amizade e, especialmente "MUDANÇAS" um poema generosamente dedicado a mim.

Das inúmeras passagens da convivência que temos tido, duas destaco com grande significado para nós dois e forte reflexo

(UM REPÓRTER)

Da Ilha Grande ao poder

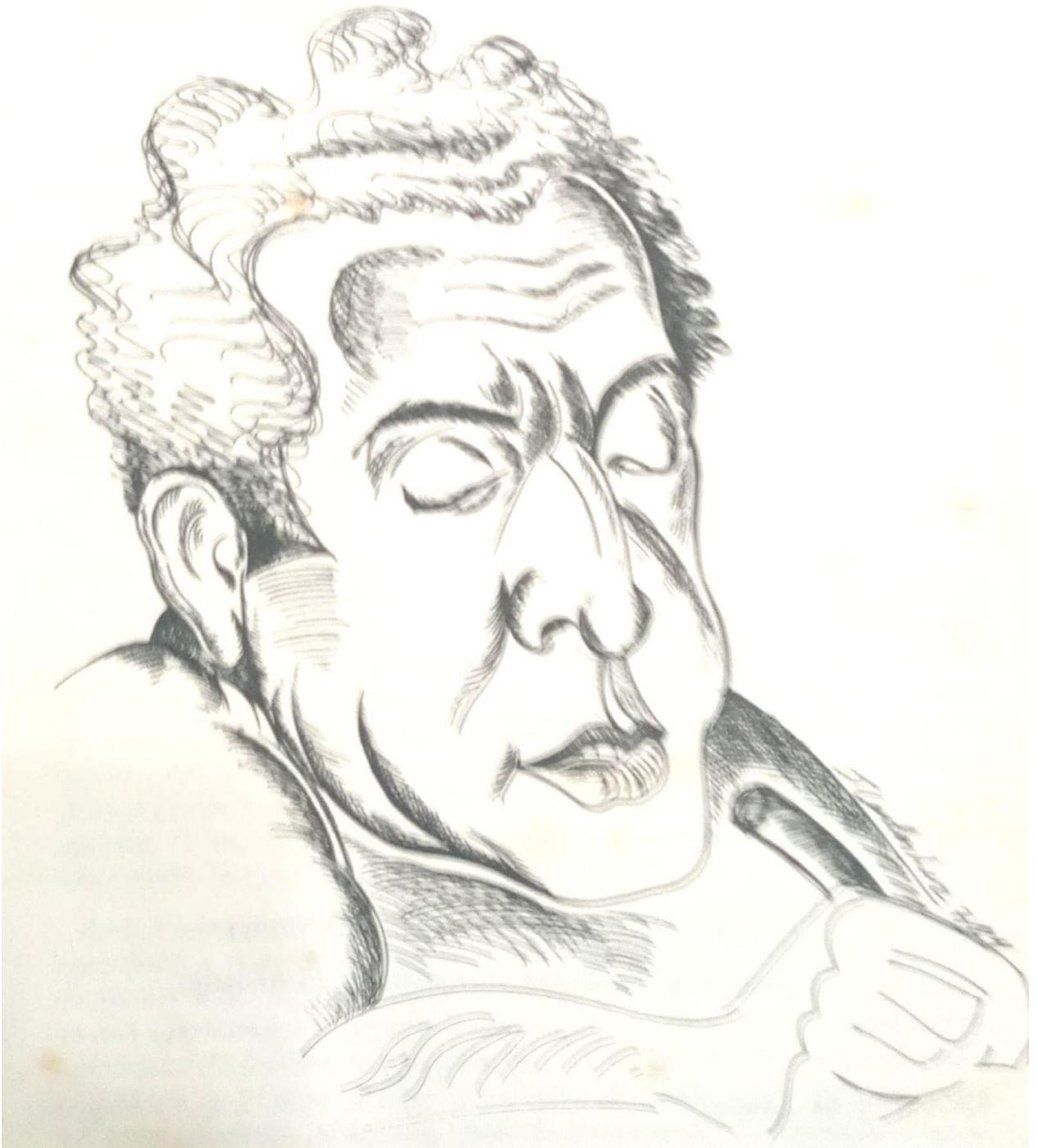
Trajectoria de um
Revolucionário que passou
21 anos no cárcere

Rio de Janeiro-1984

(UM REPORTER)

Da Ilha Grande ao poder

Andre Borges



(Um Repórter)

da Ilha Grande ao Poder/André Borges

Editora Lapa Contemporânea

Capa, Ilustração: Carluz

Coordenação Editorial: J. Carluz

Composição: Rose Ribeiro

Revisão: Alberto Berquó



Rua Carmotina, 74 Sala 10 Centro - Rio.

(Um Reporter) da Ilha Grande ao Poder
Biografia, Pesquisa Jornalística, Jornalismo.

1984/Rio de Janeiro

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Algumas palavras

Ainda na prisão chegamos a ser entrevistados por alguns jornalistas e logo após a nossa liberdade, que aconteceu numa sexta-feira (dia 13 de julho de 1979), após ter cumprido uma pena de 21 anos, concedemos algumas entre-vistas, sendo que nem todas chegaram a ser publicadas. Nesse longo tempo passado na prisão, fizemos um Curso de Introdução ao Jornalismo pensando em nos dedicar à profissão, tão logo retornássemos ao "mundo dos vivos".

Já em liberdade, fui trabalhar como repórter no JORNAL DE HOJE, na Baixada Fluminense, convidado pelo colega Francisco Canavarro, então Edi-tor daquele diário. Para nós leacredito que para a maioria da população flu minense), a Baixada e especificamente Nova Iguacu era apenas o Eldorado da Violência. O que constatamos ser verdade. Vimos também ser apenas parte da verdade. Além da corrupção, miséria e violência, havia algo que a grande im-prensa não queria ou não podia mostrar ao povo para que pudesse ter uma vi-são melhor da complexa e rica vida ali existente: a memória cultural da Baixa-da e de sua metrópole que é, sabidamente Nova Iguacu.

Foi a consciência dessa realidade que gerou o trabalho agora entregue ao pú-blico. Como repórter, procuramos levantar e divulgar a memória e a vida cul-tural que pulsava naquele Eldorado da Violência, e que à opinião pública se teimava esconder. Então fizemos uma série de entrevistas com os filhos nati-vos de Nova Iguacu que se haviam destacado no campo artístico-cultural. Nas eleições de 82, fizemos a campanha eleitoral acompanhando e influenciando de perto o processo no qual nos encontrávamos engajados, não só como re-pórter, mas acima de tudo como dirigente regional do PDT numa área de grande concentração popular e que certamente determinaria o resultado das eleições. O resultado desse trabalho foi compensador as Oposições Populares. Uma vitória que mudou o curso das coisas no Brasil.

Após a posse do governo Brizola, na condição de dirigente partidário com experiência a respeito da questão penitenciária, fomos nomeados Assistente da Secretaria de Interior e Justiça para ali prestar nossa colaboração ao gover-no que ajudáramos a eleger com o nosso

trabalho. Pretendíamos participar na formulação da Política Penitenciária em virtude de termos sobre a mesma a experiência de 21 anos "vividos" nas prisões do Estado e, em razão disso, nos tornamos estudiosos do assunto. Além do compromisso de continuar lutando no sentido de minorar a vida difícil e injusta a que estão condenados milhares de homens e mulheres, às vezes, sem nenhuma perspectiva de voltarem a ser

conteceram, como era de se esperar e uma campanha contra a nossa nomeação estourou na imprensa, com o intuito claro de nos afastar da Secretaria de Justiça com alegações maliciosas sobre o nosso passado, o qual sempre assumimos com dignidade, mas que era um paradoxo às forças políticas reacionárias que usaram o fato contra nosso governo tentando desgastá-lo frente a opinião pública.

Foi então que resolvemos juntar esse material ao projeto do livro e publicá-lo. Assim é que, UM REPÓRTER - DA ILHA GRANDE AO PODER, é a síntese de uma pesquisa do material publicado em vários jornais e que nos coloca como objeto e sujeito da Imprensa.

Rio, outubro de 1984

O Autor

Para Janaide,
minha companheira
nas horas amargas
e aos nossos filhos
Andrea,Rafael e Rui
dedico este trabalho
André Borges

Conheci André na Ilha Grande, na época dura de repressão política, quando o DOI-COI torturava e matava companheiros que lutavam pela democracia-socialista.

Durante anos compartilhamos o mesmo espaço, o mesmo cubículo, respirando o mesmo ar e participando das mesmas lutas carcerárias.

André, como repórter, pincou na história de sua vida episódios vividos por ele e os narra corajosamente. É a trajetória de um homem de luta, cujo passado constitui um exemplo de força de vontade.

De minha convivência com André registro, como traços marcantes de sua personalidade, a coerência e perseverança. É coerente e perseverante!

Não tenho dúvidas de que com determinação continuará lutando pelas suas idéias. Não foi por acaso que escolheu o PDT para militar politicamente.

O seu livro precisa ser lido e meditado.

Em 05 de setembro de 1984.

Deputado AMADEU ROCHA

Lembranças-Aprendizados

onheci André Borges em 1967, no presídio da Caneca.

De lá prá cá acompanhei seus passos em direção às muitas liberdades. São dezessete anos, e depô-los, relatá-los, não é assim tão fácil.

Quando cheguei ao presídio com o grupo do antigo Conser-vatório de Teatro para representar uma peça em única apresenta-ção, que se constituiu no maior insucesso de minha vida (os inter-nos detestaram, assobiaram, vaiaram a pretenciosa intelectualiza-da pecinha), não encontrei logo o André. Foi na volta, e com o de-sejo de apagar a primeira impressão deixada (vínhamos agora com um Martins Pena, "Quem Casa Quer Casa"), que nos en-contramos: poeta sensível e delicado, André me impressionou logo à primeira vista. E foi um pouco levada por essa aproxima-ção e pelo que isso me abria de possibilidades de conhecimento do ser humano, que passei a freqüentar o presídio. André era um homem consciente, havia adquirido lá dentro cultura e método, e me falou da necessidade da troca entre o presídio e o "lá fora" , de um processo integrado da sociedade na aceitação de suas doenças e investigação da cura da criminalidade.

Assim, três vezes por semana eu ia à Frei Caneca, conversar com os homens, colecionava seus textos, desenhos, fotografias, e incentivava-os a produzir mais, sem nenhum vínculo, fosse com o Desipe, fosse com a Secretaria ou a direção do presídio. Descobri meios de driblar a guarda dos portões e entrar sempre, fazendo acreditar que eu era uma estagiária de Direito. Juntava um mate-rial, não sabia bem para que, mas intuía que seria valioso e utili-zável de alguma maneira. Ali, nos textos, principalmente poéti-cos, estava a delicadeza toda daqueles homens, e a capacidade de resistir, produzindo flores. Eu estava tendo a sorte de conviver com um lado do presídio desconhecido. Achava que todas as pes-soas deveriam ter a mesma chance. Sonhos,

ansiedades, frustra-ções, arrependimentos, amores, traições... ali estavam eles, feitos exatamente da mesma matéria que nós outros, homens co-muns e integrados.

O meu trabalho se estendeu por Ilha Grande e Talavera Bruce, e ainda com uma correspondência assídua com Itamacara n Recife), São Paulo, Salvador.

acompanhei de perto o primeiro grande passo desse programa integrador que foi o Primeiro Festival de Poesia e Música a manciána da Guanabara, transmitido pela TV Tupi, do qual participavam cantores e intérpretes profissionais, ao lado de músicos, cantores, declamadores presidiários. O troféu de poesia acabou com André. Era mesmo muito bonito o seu poema.

Os anos, eram os mais duros da ditadura militar. A repressão era uma das maiores que se conheceu na História, Os presos políticos estavam lá também, misturados. Só depois foi criado o Pp para evitar o contágio e a contaminação de idéias. Fui testemunha desse contágio. Só não posso diagnosticar quem contagiava quem. Se os presos políticos contagiavam os comuns ou o contrário.

rio. Mas, da troca de experiências entre os dois tipos de presos, resultou a fuga de um grupo que incluía André Borges, em 69, para a guerrilha. Numa festa de Natal, lá dentro, André me disse: "Estou cada vez mais perto da porta, e talvez não nos vejamos mais". Fiquei perplexa e medrosa, meio compreendendo, meio sem querer compreender. E foi. Recapturado depois de algum tempo numa ação de expropriação, André já não voltou às celas comuns. Era agora um preso político. E durante a fuga, na rua, me telefonou dando notícias e marcamos um encontro numa esquina de Copacabana, mas tive medo e não fui. Mais tarde soube que ele também não foi.

Em 79, finalmente posto em liberdade, nos encontramos. Ele havia casado com Janaide, na Fortaleza de Santa Cruz, tinha uma filha, Andréa, que Janaide me levava em casa para conhecer, e precisava assumir agora casa e a família. Tinha os olhos irriquiéticos da liberdade. Nessa época fiz uma grande entrevista com ele, publicada no jornal ENFIM, dirigido pelo Tarso de Castro, onde contava a vida, desde a infância, passando

pelo momento em que se viu atraído pelo crime, as primeiras prisões, a atuação da qua-drilha nos assaltos, o processo de conscientização,a fuga,a guer-rilha de São José do Jacareí (Angra), a volta ao presídio, as gre-ves de fome-que Tarso publicou com o título "Ladrão?", Na época achei o título preconceituoso e briguei com o editor.

Em 80 publiquei “ POESIA NA PRISÃO”,antologia de poe-mas que incluía os versos de André,de Lúcio Flávio,de Alex Po-lari de Alvarenga,Pedro Tierra,e outros. De diversos presídios do país.

Um dia André me visita em plena campanha do PDT, pró-Brizola, quadro de partido, e desta vez era ele que me entrevista-va para o "Hoje"-Jornal da Baixada Fluminense.

Pouco depois assumia um cargo no Desire, e uma campanha feroz contra ele instalava-se nas páginas dos jornais, na opinião pública, e mesmo dentro do próprio Desire, onde estive naquele momento, levando projetos (ainda de filosofia integradora, presi-dio-sociedade, acrescidos da idéia de um trabalho em cima da produção de arte bastante semelhante ao da Nise da Silveira e o seu Museu do Inconsciente, para, a partir do inconsciente presi-dial, então levantar um estudo para a reforma tão necessária e de-cantada). Meus projetos não tiveram sequer resposta, uma vez que vinham de uma pessoa ligada a André Borges. Também es-crevi ao "Jornal do Brasil" explicando porque achava que uma pessoa com a experiência presidencial pode ser de grande utilidade ao Desipe, e oferecendo um testemunho quanto à seriedade com que André sempre desenvolveu o seu trabalho. Minha carta não foi publicada.

Reencontro agora André Borges, no projeto deste livro, de-pois de um ano ou mais. No Desire, continua insistindo no afeto, e na visão integratória que a sociedade rejeita.

Uma vida intensa e importante. Uma trajetória rica e cheia de emoções que vem finalmente a ser contada e devidamente documentada.

Neila Tavares